

COMBATE AO FUMO MOBILIZA JUIZFORANOS

Uma série de atividades marcarão o Dia Mundial Sem Tabaco, lembrado em 31 de maio. Os trabalhos começam hoje com o lançamento de um jornal de combate ao tabagismo. Entre as várias doenças ligadas ao cigarro, o tumor de laringe concentra 78% dos casos entre fumantes. Página 4

FOTOS GILSON ASSIS/25-05-01



JUIZ DE FORA DOMINGO 27 DE MAIO DE 2001

E-mail: cidade@tribunademinas.com.br

Caderno

B



“Não temos dinheiro sobrando, mas nem por isso tivemos medo de assumir o compromisso”

Júlio Baltazar do Nascimento, representante comercial

Laços de ternura

Adoção esbarra em morosidade e preconceito

Processo desgastante faz com que muitos casais desistam do ato solidário em JF

CRISTIANA VIANA
REPORTER

Gerar um filho no coração, para muitos casais, tem um significado tão forte quanto uma gestação tradicional. O desejo de ter uma criança leva homens e mulheres a buscar, nas imensas filas de espera para adoção da Vara da Infância e da Juventude, a chance de tornarem-se verdadeiros pais. Preconceito, burocracia, falta de preparo e morosidade, entretanto, condenam meninos e meninas a envelhecerem em abrigos improvisados em Juiz de Fora. Além disso, a adoção continua sendo encarada como solução para casais inférteis, enquanto deveria ser vista como forma de proporcionar uma família a crianças abandonadas. “A perfilhação é uma maneira de filiação. Toda relação de afeto é construída, não passa pelo sangue”, ressalta a doutora em psicologia e professora da Universidade Federal do Paraná, Lídia Weber.

Foi desta forma que Christina Octaviano Pinto, 11 anos, transformou-se em filha do coração de Aécio Augusto Xavier Pinto e Maria do Carmo Octaviano Pinto. Depois de 21 anos de casamento e muitas tentativas frustradas de gerar uma criança, o casal decidiu adotar a menina, na época com 2 meses. “Não fizemos exigências. Ela foi muito amada, desejada e querida”, conta a mãe. De acordo com Aécio, Christina conhece a verdade desde que chegou à família. “Quando ela era bebê e dormia, explicávamos-lhe o significado da adoção. Nós a amamos mais do que se ela tivesse sido gerada por nós.”

Christina conta já ter sido humilhada por outras crianças pelo fato de ser adotada. “Muitas riam e debochavam. Mas isto nunca me afetou porque conheci a verdade e recebi segurança por meio de meus pais.”

A história feliz de Christina, todavia, não acontece com frequência. De acor-

do com dados da Vara da Infância e da Juventude, 343 crianças encontram-se em abrigos, sendo 173 passíveis de serem colocadas em famílias substitutas sob as modalidades guarda, tutela ou adoção.

“Não existe no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) definição de abandono. Quem decide a perda do pátrio poder é o juiz. Daí a dificuldade de adotar. Existem falhas na legislação e incompetência por parte do Ministério Público e do Juizado”, critica Lídia Weber.

Trabalhando há dez anos com adoção e abandono, a especialista censura também a inexistência de preparo das famílias dispostas a assumir crianças. Técnicos e grupos de apoio, segundo Lídia, são fundamentais para incorporar nos familiares a ideia de uma nova pessoa em casa. Rejeição, rebeldia e brigas, muitas vezes utilizadas como justificativas para a rejeição do processo adotivo, são descartadas pela professora. “A criança carrega consigo uma história de abandono e solidão. Ela sabe que está indo para mãos melhores e, por isto, tentará fazer o possível para evitar ou tra-

rejeição.”

Crime

Segundo o livro “Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e preconceitos” - pesquisa inédita, resultado da tese de doutorado de Lídia -, 48% do total de adoções no país são ilegais e constituem crime previsto no artigo 242 do Código Penal, com reclusão de dois a seis anos. “As pessoas doam as crianças e os supostos pais registraram-nas com a convicção de alguns cartórios. Isto dá cadeia, no entanto, a maioria dos juizes entende que o ato não é punível.”

Casal muda vida para evitar separação de irmãos

“De um dia para outro, modificamos nossas vidas. Jamais deixaria as crianças separadas.” O depoimento é de Júlio Baltazar do Nascimento e Carla Andréia Figueiredo Campos. Há seis meses, o casal decidiu assumir três irmãos como filhos verdadeiros. Na realidade, os meninos são sobrinhos do casal e perderam a mãe, vítima de problemas cardíacos. Por enquanto, Carla e Júlio têm a guarda provisória de Carlos Henrique, 11, Marcos, 2, e Mateus, 11 meses, mas o processo de adoção já está em andamento.

Júlia, 8, é a filha natural do casal e recebeu os novos irmãos com compreensão e carinho, embora, às vezes, admita sentir ciúmes. “Hoje somos uma grande família.” Carla ressalta dar a mesma atenção e impor li-

mites iguais aos quatro. “Sempre fui contrária à adoção, por medo de os filhos adotivos tornarem-se rebeldes e problemáticos. Hoje entendo que, quando isto acontece, é porque estes meninos foram tratados como filhos adotivos e não como naturais”, afirma, contando que Júlia e Carlos Henrique recebem as mesmas repreensões nos momentos de erro.

Para o casal, assumir os três irmãos acarretou mudanças e trouxe gastos, muitos gastos. “Cuidávamos de uma criança. Agora são quatro que precisam de roupa, calçados, educação, alimentação e diversão. Não temos dinheiro sobrando, e nem por isso tivemos medo de assumir o compromisso”, salienta Júlio.

Leia mais na página 3

“Não fizemos exigências. Ela foi muito amada, desejada e querida”

Maria do Carmo Octaviano Pinto, dona de casa

